

## **DISTÂNCIAS ENTRE A GRADUAÇÃO E A ATUAÇÃO PROFISSIONAL: LIMITES E POSSIBILIDADES**

**FELDENS, Vitória Krüger**<sup>1</sup>

**MEIRA, Mirela Ribeiro**<sup>2</sup>

### **Introdução**

Esta pesquisa está sendo realizada como requisito para o trabalho final do curso de Especialização em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, ligada ao Núcleo Transdisciplinar de Estudos Estética/ NUTREE. Dirige-se à compreensão do momento em que, como educadora musical recém-formada, investigo o distanciamento entre minha formação acadêmica na Licenciatura em Música, concluída em 2009, e as aulas que ministro em uma escola pública municipal, na periferia da cidade de Pelotas. O sentido da investigação dirige-se às implicações da formação docente - no contexto diário da sala de aula - em relação às dificuldades que a prática pedagógica abarca; aos fatores intervenientes nesses processos; à valorização da arte e da música na educação; à recente obrigatoriedade do ensino de música na escola; aos processos pedagógicos trabalhados na licenciatura; aos materiais, metodologias e processos de criação necessários para transpô-los às crianças; às posturas, tanto do professor quanto dos alunos, que se revelam mais adequadas à consecução destes processos pedagógicos, e ainda à suficiência da instrumentalização recebida em minha formação frente à provisoriedade atual do conhecimento.

Por todas essas questões, que merecem um olhar mais apurado, o interesse de pesquisa centrou-se em realizar um estudo entre os limites e possibilidades da formação no curso de graduação em Música e a prática docente em uma escola de Ensino Fundamental na periferia da cidade de Pelotas.

Esse projeto justifica-se inicialmente, pela pouca importância dada à Arte e a necessidade da formação da sensibilidade, da cognição em artes, da percepção e vivência da música e de como estes incidem na vida dos envolvidos, fatores que necessitariam ser mais discutidos e priorizados em várias situações, notadamente no campo da Educação. Duarte Junior (2000, p. 73) aponta que estamos vivendo um momento de “profundas regressões nos

---

<sup>1</sup> Professora Municipal, licenciada em Música. Aluna do PPGEDU/Especialização, FAE/UFPel.  
[viotoriafeldens@gmail.com](mailto:viotoriafeldens@gmail.com)

<sup>2</sup> Profa. Adjunta- Depto. Ensino FaE/UFPel  
[mirelameira@gmail.com](mailto:mirelameira@gmail.com)

planos social e cultural, com um perceptível embrutecimento das formas sensíveis de o ser humano se relacionar com a vida”.

O interesse de pesquisa adveio de que, como professora municipal recém contratada, entrei em contato direto com a realidade escolar, percebendo de saída um distanciamento entre o conhecimento oriundo da graduação em Música e as necessidades dos alunos com os quais iniciava minha experiência docente. Isso originou questionamentos iniciais principalmente com relação às posturas que deveria supostamente assumir em cada situação, de como agir ante à viva efervescência de uma sala de aula cheia de diferentes histórias, vivências e objetivos (ou a falta deles) em relação ao estar na escola.

A partir das indagações iniciais, outras se ampliaram, por exemplo, que tipo de espaço seria o de uma aula de música. Seria ele um espaço mais livre, para o aluno se expressar através do corpo, ou mais limitado? No último caso, quais seriam os limites de interferência sem prejudicar a criação?

Minha observação levou-me a perceber que, durante as aulas, expressão corporal e vocal se confundem com bagunça, grito exagerado, empurrão, brigas, atos que acontecem em sala de aula. Por essa razão, nesse primeiro ano de trabalho na educação formal fui forçada pelas circunstâncias-principalmente as de agressividade, a colocar meus alunos sentados em fila, olhando para a nuca do colega, cantando sem fazer “barulho”... Muito diferente do que eu achava que deveria ser uma aula de Música, o que me levou a refletir: ora, que aula chata! E a impressão que eu tenho é de que os alunos pensam assim mesmo...

Por essas razões, minha indagação principal passou a ser confrontar o espaço vivenciado de sala de aula com processos pedagógicos “aprendidos” no curso de Licenciatura em Música para verificar sua adequação. Para tanto, vi necessidade de investigar se a escola, na configuração em que a vivencio, permite uma “boa” educação musical. Essa questão é complexificada pelo atravessamento, no processo, da obrigatoriedade, nas escolas, do ensino de Música. Será que os percalços observados têm relação com a obrigatoriedade? Nessa esteira, será mesmo que inserir a Música na educação básica a torna acessível a todos e torna o ensino melhor?

## **Metodologia**

A pesquisa possui cunho qualitativo, por envolver pessoas, sujeitos pedagógicos, trazendo à tona desejos, aspirações e motivações que os atravessam. A partir de minhas próprias experiências como recém-formada, confrontadas com minha experiência de professora municipal, incursiono pelo ensino e aprendizagem de Música no cotidiano de minha sala de aula. Faço-o na forma da auto-narrativa, de um estudo autobiográfico que tem como características as possibilidades de “investigar as formas pelas quais nossa subjetividade e identidade são formadas” (SILVA, 2003, p.43,) para possibilitar uma reflexão formativa. O método autobiográfico vai além de um simples relato de experiências, realizando uma relação do sujeito com o mundo, traçando um significado das vivências ocorridas. Para Silva (2003), ele “tem um objetivo libertador, emancipador” (SILVA, 2003, p. 43).

Para a investigação do cotidiano da sala de aula e dos processos pedagógicos do ensino da Música em diversas situações, utilizar-me-ei de um estudo de contexto, comparativo, buscando as proximidades e distâncias deste com minha formação durante a graduação. O estudo estará focado nas dificuldades do “estar em sala de aula” e suas implicações, como, por exemplo, a ausência de disciplina durante as aulas; os materiais mais adequados à consecução dos processos pedagógicos, as posturas do professor ante à criação, além das consequências da obrigatoriedade do ensino da música.

## **Resultados e discussão**

A presente pesquisa encontra-se em fase inicial, objetivando nessa etapa a compreensão das distâncias e proximidades entre o curso de graduação e a prática em sala de aula. Encontra-se na tensão simultânea do resgate de minhas memórias na graduação, de um lado, e de outro, de seu confronto com os momentos vivenciados em sala de aula. Ambos os momentos estão sendo enriquecidos bibliograficamente. Nesse estágio estão em pauta discussões iniciais sobre os processos pedagógicos que envolvem a Música; a suficiência de tempo e recursos; a valorização do campo; a caracterização do ambiente de pesquisa e das posturas a serem tomadas pelo professor em cada momento da prática docente, entre outros. A partir daí, pretende-se relacionar a memória, as percepções vividas e a fundamentação teórica, através da análise de documentos de referência do ensino da Música ampliados com referenciais teóricos e autores.

## **Conclusões**

Dentre os resultados esperados nesta pesquisa, parece estar a necessidade de um olhar mais apurado para a Música através de uma educação do sensível e do estabelecimento de relações de convivência (MATURANA, 1996). Este se apresenta como um fator a ser considerado a partir do já constatado crescente embrutecimento dos alunos e professores em sala de aula, e também no espaço escolar. Talvez isso possa ser explicado pela crescente racionalização que tem sido prioridade em uma escola violenta, onde o corpo não é valorizado, ou mesmo desprezado. As capacidades sensíveis não possuem qualquer formação, mesmo sendo os alunos apenas crianças, com um corpo em formação e cheio de necessidades. Para Duarte Jr. (2000), a constante valorização do racional vem fazendo com que percam aspectos importantes, inclusive da nossa cultura.

Pensem mais e dancemos menos; aliás, nem nos movimentemos, a não ser intelectualmente, através das elucubrações e dos conceitos. Entendamo-nos: o que se pretende afirmar aqui é o perigo dos extremos, tanto do lado da corporeidade quanto do cerebralismo — para o qual sempre pendeu (p. 30).

No entanto, o mesmo autor aponta uma saída possível para a presente crise dos sentidos, crise esta profundamente presente em nossas escolas:

A arte [e a Música] pode consistir num precioso instrumento para a educação do sensível, levando-nos não apenas a descobrir formas até então inusitadas de sentir e perceber o mundo, como também desenvolvendo e acurando os nossos sentimentos e percepções acerca da realidade vivida (p. 25).

Espera-se, portanto, na presente pesquisa, considerar a educação da sensibilidade como uma possibilidade de futuro para a Educação nos dias atuais, e principalmente, neste caso, a Educação Musical. Busco resgatar em minha formação como professora de Música aspectos referente ao sensível, em um curso da área de arte que por vezes se apresenta fortemente racionalizado, na tentativa de melhor responder aos desafios de minha prática docente.

## **Referências**

DUARTE JUNIOR, João Francisco. O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível. Curitiba, Criar, 2001.

MATURANA, Humberto. Emoções e Linguagem na Educação e na Política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2003.